

Milton Hatoum. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 310p.

As mais recentes publicações de Milton Hatoum, *A Noite da Espera* (2017) e *Pontos de Fuga* (2019), integram a trilogia *O Lugar Mais Sombrio*, cujo terceiro volume ainda é aguardado. Embora ainda incompleta, a trilogia já demonstra o vigor com que o autor renova sua produção romanesca, descolando-se de características tidas como típicas de sua escrita, como o regionalismo revisitado¹ na região Norte do Brasil e o modo de narrar benjaminiano², com um narrador a contar uma série de eventos que testemunhou, permitindo o entremear-se de memórias e outras vozes.

Percebe-se já no primeiro romance da série a renovação do espaço narrativo: uma Brasília agitada pela recente instauração da ditadura militar é o lugar onde o protagonista, o jovem Martim, vive a transição de sua adolescência ao início da vida adulta, em meio aos conflitos externos que o cercam - como as frequentes manifestações estudantis contra o autoritarismo dos militares - e os conflitos internos que o assombram, especialmente o trauma pelo abandono da mãe após a separação dos pais. Com uma narrativa que se alterna entre o exílio em Paris no final da década de 1970 e as anotações do diário do jovem rapaz no final da década de 1960 e início dos anos 1970, a obra radicaliza o caráter fragmentário que já era percebido em romances anteriores³: aqui a fragmentação é o fundamento que estrutura todo o romance, do espaço-tempo ao sujeito.

¹ Cf. PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Luso-Brazilian Review*, v. 41, n.1, 2004.

² SCHOLLHAMMER, Karl E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.92.

³ MAGRI, Milena Mulatti. *Imagens da ditadura militar brasileira em romances de Caio Fernando Abreu, Bernardo Carvalho e Milton Hatoum*. 2015 (Doutorado em Letras), USP, 2015. p.13.

Em *Pontos de Fuga*, as características acima retornam com o acréscimo de outro índice de fragmentação. Enquanto em *A Noite da Espera* a narração se alternava entre os relatos de Martim em Paris e suas anotações da juventude em Brasília, neste segundo romance há uma dispersão de vozes narrativas. O romance é composto pelas anotações de Martim em Paris e São Paulo (para onde fugiu após a prisão dos amigos em Brasília) e também por trechos de diários e cartas de várias outras pessoas de seu círculo. As outras personagens, portanto, não são apresentadas apenas pela voz do protagonista, mas são construídas através de suas próprias vozes, e o papel do narrador passa a ser a “orquestração geral do conjunto de vozes [da] narrativa e suas posturas ideológicas”⁴. Esse multiperspectivismo, em um primeiro momento, gera o efeito da não-seleção e da neutralidade, como se a narrativa fosse a colagem democrática de diferentes versões sobre os mesmos acontecimentos, e a perspectiva do protagonista-narrador torna-se menos visível, cedendo a voz a outras personagens.

Certas passagens do romance são, desse modo, relatadas por mais de um ponto de vista; reforçando a verossimilhança e coerência interna do mundo ficcional. Leem-se diferentes percepções sobre um mesmo evento – assim como se dá na realidade. É o que ocorre, por exemplo, entre os capítulos 9 e 11, quando ao relato de Martim intercalam-se as cartas de Vana e Lélío, comentando a fatídica tarde em que foram levados à prisão por editarem a revista literária *Tribo*, ainda em Brasília. Hesitantes quanto a contar detalhes da experiência na prisão, cada uma das cartas traz maior ênfase em um aspecto diferente da relação entre os amigos e da experiência traumática, em consonância com a caracterização e postura de cada um deles no desenvolvimento dos dois romances. É ponto convergente, entretanto, a dificuldade que ambos demonstram ao falar da prisão – e também a do protagonista, quando a vivência, por sua vez, no capítulo 27. Em um desejo de esquecer aquilo que “é impossível esquecer” (87), as personagens se eximem de falar em detalhe a respeito da violência e da experiência traumática; o relato mais contundente dos

⁴ HARTNER, Marcus: Multiperspectivity. In: HÜHN, Peter et al. (Eds.): *The living handbook of narratology*. Hamburg: Hamburg University. URL = <http://www.lhn.uni-hamburg.de/article/multiperspectivity>
Data de acesso: 18/07/2019.

interrogatórios e agressões é o de Lélío, já no capítulo 30, movido a relembrar seu trauma diante da recente prisão e tortura sofrida pela amiga Dinah. Dessa forma, ainda que seja “uma escrita fragmentária e lacunar”⁵, a rememoração da violência e do trauma perpassa todo o romance e atinge, de uma ou outra maneira, todos os jovens amigos que, mais que uma república na Rua Fidalga, compartilham uma juventude marcada por uma época de opressão e premente necessidade de resistir.

As atividades da resistência à ditadura também são abundantemente mencionadas no romance. A jovem artista circense Anita revela os planos e expectativas antes de um confronto com a polícia na Praça da Sé (capítulo 15); Lélío comenta a atmosfera semelhante à brasileira que encontrou ao viver em outros países da América do Sul: “Santiago está em ebulição, o Chile, fraturado, e Allende, emparedado” (110). Não só no Chile a voz dessa personagem dá a conhecer os movimentos de resistência a governos autoritários e a urgência por mudanças que colocava os países em conflito. O protagonista Martim, por sua vez, revela as atividades de resistência articuladas no exílio francês, como a venda e distribuição de impressos, o apoio a exilados de várias nacionalidades e os conflituosos encontros do Círculo Latino-Americano de Resistência.

Ao compor esse universo romanesco tão fortemente calcado no mundo real, Milton Hatoum expõe seu compromisso com a contínua reelaboração que a literatura brasileira tem feito do período nas últimas décadas. Embora historicamente superado, a irreparabilidade dos crimes cometidos no regime militar e depois anistiados fazem com que tal período seja ainda uma dor sempre lembrada pela literatura contemporânea, como modo de desnaturalizar a violência perpetrada e reelaborar esse passado traumático na história brasileira. Ainda que atormentado por sua própria tragédia pessoal, incidem sobre Martim as sombras da realidade exterior, trazendo para o romance as marcas do trauma e do exílio.

Instado ao engajamento pelas atividades dos amigos e do professor de teatro Damiano Acante, Martim oscila entre essa assustadora realidade exterior e seu universo interior, ainda mais conturbado pela dor do abandono materno. O desaparecimento de Lina

⁵ FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. p. 44.

é para Martim motivo de sofrimento constante nos dois romances da série; a razão de tal desaparecimento, incompreensível pelas amorosas lembranças que o rapaz guardava de sua infância, é um mistério para o leitor como o é para as personagens. O suspense acerca desse paradeiro atinge seu ápice no último capítulo de *Pontos de Fuga*, com a sugestão de que Lina ainda estivesse viva e pudesse em breve reaparecer. Assim, o desfecho é aberto e estabelece ligação com o terceiro volume da trilogia, ainda por ser lançado.

Observa-se, portanto, que a obra se constrói primordialmente sobre a alternância e a fragmentação: alternam-se os espaços, entre São Paulo e Paris, e somam-se os escritos dos amigos a partir de diversas outras localidades. A diáspora da juventude frente à perseguição é ilustrada pela ida de Dinah a Londres, de Ox aos Estados Unidos, de Julião e Anita a Paris, de Lélío e Celeste ao Chile e, posteriormente, ao Peru, e de Marcela e Laísa a Rondônia. Dispersam-se os jovens como dispersam-se as vozes que compõem a narrativa, acrescentando à voz de Martim múltiplas perspectivas sobre o cenário histórico-social, os eventos vivenciados e até mesmo as demais personagens. Ao ceder a narrativa a outros pontos de vista, Martim passa de sujeito da mesma a objeto do escrutínio de seus colegas, o que contribui para a construção em profundidade desse protagonista.

Frente aos primeiros romances de Milton Hatoum e sua recepção crítica, nota-se que *Pontos de Fuga* aprofunda o expediente visto como um “perspectivismo que multiplica olhares e vozes, enriquecendo as possibilidades de leitura”⁶ (Schollhammer, 2009: 89), desligando-se de uma composição espacial ligada ao Amazonas do autor. As sombras da ditadura militar, que se faziam notar já na obra do autor, são de fundamental relevância na construção deste romance e suas personagens, atingidos pela violência e exílio e oscilantes entre a premência de agir em resistência e os conflitos interiores que conferem verdade e humanidade aos personagens da ficção.

Patrícia Helena Baialuna de Andrade

Brigham Young University

⁶ SCHOLLHAMMER, Karl E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.89.